

O CÂNDIDO DE VOLTAIRE: A LITERATURA COMO RECURSO PARA A DIVULGAÇÃO DE IDEIAS

VOLTAIRE'S CANDIDE: LITERATURE AS A RESOURCE FOR THE IDEAS DISCLOSURE

*Daniel Richardson de Carvalho Sena**

*Ágata Raabe Serrão Silva***

*José Galúcio Campos****

Resumo: O escritor francês Voltaire, em sua obra *Cândido, ou o Otimismo*, escrita em 1758, narra as peripécias e andanças do jovem Cândido, bom rapaz, dotado de uma doce natureza, de sublimes virtudes e de uma gigantesca ingenuidade. As figurações presentes no *Cândido* demonstram que para Voltaire a literatura representava um excelente veículo de divulgação de suas ideias e para a defesa de seus pontos de vista. Esse estudo, portanto, analisa alguns elementos filosóficos presentes na obra “*Cândido ou o otimismo*” de Voltaire, bem como identifica críticas a convicções filosóficas, religiosas e morais e a defesa dos ideais burgueses de seu tempo.

Palavras-chave: Experiência. Otimismo. Trabalho.

Abstract: The French writer Voltaire, in his work *Candide, or the Optimism*, written in 1758, narrates the young Candide adventures and wanderings, a good boy, endowed with a sweet nature, sublime virtues and gigantic naivety. The figurations presented in *Candide* demonstrate that for Voltaire, literature represented an excellent vehicle for disseminating his ideas and for defending his points of view. This study, therefore, analyzes some philosophical elements present in Voltaire's work “*Candide or Optimism*”, as well as identifying criticisms of philosophical, religious and moral convictions and the bourgeois ideals defense from his time.

Keywords: Experience. Optimism. Work.

Introdução

O escritor francês François-Marie de Arouet (1694-1778), mais conhecido como Voltaire, possui uma obra enorme que abrange vários estilos literários como tratados filosóficos, poemas, romances, ensaios, obras científicas, peças de teatro, correspondências e contos.

* Professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas – IFAM; Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: daniel.sena@ifam.edu.br

** Discente do curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal do Amazonas – IFAM. E-mail: agataraabeserraosilva@gmail.com

*** Professor de Física do Instituto Federal do Amazonas – IFAM; Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas –UEA. Email: jose.campos@ifam.edu.br

Dentre seus escritos, destaca-se a novela “*Cândido, ou o Otimismo*” escrita em 1758, considerada uma obra-prima. Este livro tem como principal objetivo tecer uma rigorosa crítica ao otimismo metafísico do filósofo e matemático alemão Leibniz, segundo o qual vivemos no melhor dos mundos possíveis e da melhor maneira. Chauí (1981, p. 121) explica que o *Cândido* é um livro que possui um compromisso demolidor com a metafísica passada (entenda-se, o otimismo de Leibniz), contestando a perfeição e a bondade da natureza.

Conforme Millet (1972), Voltaire escreveu o *Cândido* marcado pela impressão que lhe causou o terremoto que devastou a cidade de Lisboa em 1755. Essa catástrofe fez cerca de vinte milhares de mortos, tal fato o abalou profundamente, tanto que neste mesmo ano o autor compôs o celebre “*Poema Sobre o Desastre de Lisboa*”.

Escrito em estilo satírico, essa obra é uma das mais populares do autor, tornando-se um clássico. Ironicamente, explica Millet (1972), quando *Cândido* começa a se tornar conhecido, Voltaire finge se surpreender que lhe atribuam sua autoria, chegando em suas correspondências a protestar contra os que lhe atribuem a concepção do livro.

O *Cândido* é um livro permeado por ironias do início ao fim, seu texto narra as peripécias e andanças do jovem Cândido um bom rapaz, dotado de sublimes virtudes e de uma gigantesca ingenuidade: “Havia um jovem rapaz, ao qual a natureza concedera as virtudes mais doces. Sua fisionomia anunciava sua alma. Tinha juízo reto e um espírito dos mais simples” (VOLTAIRE, 1998, p. 5).

Certo dia, por causa da troca de um beijo com seu amor, a bela Conegunda (filha do Barão), Cândido é expulso do castelo onde vivia. Começa aí a odisseia de Candido pela terra. Nascimento resalta que o texto é “uma sequência infundável de desgraças que se abatem progressivamente sobre todos os personagens” (NASCIMENTO, 1993, p. 55-56).

Voltaire tinha a literatura como veículo para divulgar suas ideias e também para criticar posicionamentos dos quais não concordava. Utilizando o *Cândido* como exemplo de tal finalidade, é possível percebermos uma série de críticas a convicções filosóficas, religiosas e morais, além da defesa dos ideais burgueses de seu tempo.

O presente artigo, fruto de uma pesquisa de iniciação científica, tem por objetivo analisar as ideias presentes nas entrelinhas do *Cândido*, como a crítica ao otimismo metafísico, as concepções filosóficas de seu tempo e a apologia à propriedade privada e ao trabalho, valores da emergente classe burguesa do século XVIII.

1. Resumo da obra

O *Cândido* é um texto satírico, permeado por sarcasmos do começo ao fim. Segue abaixo um breve resumo da obra (pois se avalia que *spoilers* não se aplicam a clássicos).

O capítulo primeiro (VOLTAIRE, 1998) apresenta Cândido como um jovem e belo rapaz, dotado de uma doce natureza e de sublimes virtudes. Foi educado filosoficamente pelo magnífico doutor Pangloss que lhe ensinara a “metafísico-téologo-cosmolonigologia” (VOLTAIRE, 1998, p.6), sempre afirmando categoricamente que não há efeito sem causa e que este é o melhor dos mundos possíveis.

Cândido vivia no “maravilhoso” castelo da Westphalia que “possuía uma porta e janelas” (VOLTAIRE, 1998, p. 5). Seu grande e secreto amor era a jovem e bela Conegunda, filha do barão e da baronesa. Certo dia, por causa da troca de um beijo com seu amor, Cândido é expulso à custa de violentos chutes no traseiro do melhor castelo no melhor dos mundos possíveis. Começa aí a odisséia de Cândido pela terra. Durante suas desventuras, Cândido sempre avaliará as situações que vivencia com as teorias de seu mestre Pangloss.

Do segundo ao décimo segundo capítulo é descrito o que aconteceu com Cândido após sua expulsão do castelo (VOLTAIRE, 1998). Atordoado, Cândido vagabundeia sem rumo, cai nas mãos do exército búlgaro e é chicoteado. Após sobreviver, conhece um bom homem chamado Thiago que lhe cura os ferimentos e o leva para Holanda. Lá reencontra seu mestre Pangloss e descobre que o castelo da Westphalia fora invadido por bárbaros e que todos estavam mortos, menos eles. Mestre Pangloss, afirma peremptoriamente que, apesar de todo este infortúnio, as coisas não poderiam ter sido diferente, pois elas acontecem sempre da melhor maneira possível.

Em seguida, sofrem um naufrágio, onde o bom Thiago morre. Conseguem chegar à terra firme, em Lisboa, porém são surpreendidos por um terremoto que destrói a cidade. Caem na mão da Santa Inquisição e servem de protagonistas de um auto-de-fé, visando impedir futuros terremotos. Sobrevivem ao infortúnio e Cândido surpreendentemente, reencontra seu amor, Conegunda, que conseguira escapar com vida da invasão ao seu reino. Porém, esta agora é concubina de um inquisidor. Cândido mata o inquisidor e, juntos fogem para Cádiz, onde encontram Cacambo, que será leal a Cândido em toda sua trajetória.

Os capítulos décimo terceiro, décimo quarto e décimo quinto (VOLTAIRE, 1998) narram a viagem (fuga) para o Paraguai de Pangloss, Cândido, Cacambo e Conegunda e

mais uma Velha que a acompanhava. Ao chegarem, são recebidos pelos jesuítas e Cândido é obrigado a se separar mais uma vez de seu grande amor, agora cativa de um capitão. Posteriormente são capturados por selvagens e são libertos.

Os capítulos décimo sexto e décimo sétimo (VOLTAIRE, 1998) contam como Cândido e Cacambo chegam ao Eldorado. Perambulando pelas florestas da América do Sul, acabam encontrando o mítico e exótico país do Eldorado, repleto de riquezas, onde até a areia é de ouro. Lá ficam deslumbrados com a beleza, a fortuna e a cordialidade dos seus habitantes. Cândido afirma que a existência do Eldorado é a maior prova de que estamos no melhor dos mundos possíveis e que o Mestre Pangloss tinha toda a razão. Porém, Cândido não esquece seu grande amor e decide abandonar esta maravilhosa terra, pois sem Conegunda nada disso tem importância.

Do capítulo décimo nono ao trigésimo (VOLTAIRE, 1998) são relatados a partida de Cândido e Cacambo do Eldorado e os acontecimentos que levam ao fim da estória. Saem do Eldorado com um magnífico tesouro doado pelo povo de lá. Chegam ao Suriname, conhece Martinho, homem sábio que se torna um companheiro fiel e resolve seguir Cândido. Decidem ir para Europa, porém boa parte do tesouro se perde na viagem. Chegando à França, Cândido é roubado por mulheres interesseiras e por aproveitadores. Vão para Inglaterra, depois para Veneza e Constantinopla. Finalmente reencontra Conegunda, que agora está bastante feia e acabada, acompanhada da velha. Ao revê-la, Cândido não se sente mais tão apaixonado, porém como um bom homem de palavra, não a rejeita.

Com o que lhe sobra da fortuna do Eldorado, Cândido compra uma simples propriedade e decide que é preciso trabalhar. Nesta propriedade cada personagem desempenha uma tarefa. Por fim, conclui Cândido que para a vida fazer sentido é preciso trabalhar e cultivar o jardim (sua propriedade).

2. Ideias filosóficas e críticas presentes no texto do Cândiao

Uma primeira mensagem presente no Cândiao é a evidente crítica ao otimismo leibniziano. Segundo o pensador alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), existe um Deus todo poderoso, bom e sábio que criou tudo conforme sua vontade. A figura de Leibniz é representada na obra por Pangloss, mestre de Cândiao, que repete irritantemente durante toda a trama que tudo o que acontece, acontece da melhor forma possível.

Mondin (2009) explica que na filosofia de Leibniz, a ideia de Deus é fundada no conceito de possibilidade, isto é, Deus é o único Ser que sendo possível, deve necessariamente existir. Uma possibilidade que não inclua nenhum limite, negação ou contradição, implica existência. Se Deus é essa possibilidade ele existe. De Deus se origina o mundo. As criaturas do mundo vêm de Deus e de sua perfeição, porém, a imperfeição das criaturas vem de sua limitação. A causa do mal e do pecado não é Deus, mas a limitação das criaturas.

As coisas são da maneira como são e não de outra maneira porque o seu modo de ser é o melhor modo possível de ser. Muitos modos de ser (mundos) seriam possíveis, porém somente um foi criado. E, dentre os vários mundos possíveis, Deus escolheu este: o melhor de todos os mundos possíveis.

Conforme Chauí (1988), Voltaire contesta radicalmente o pensamento leibniziano, segundo o qual, existe sim uma ordem inerente à natureza. Ao contrário do que se possa pensar, Voltaire é um pensador teísta¹, porém, não aceita os dogmas da tradição judaico-cristã, para ele os acontecimentos relativos ao mundo ocorrem independentes da Providência. Além disso, não aceita o dogma do pecado original, nem a existência do livre arbítrio, no qual o homem é livre para escolher entre o bem e o mal, tendo como finalidade ser testado por Deus.

Como foi dito anteriormente, o terremoto ocorrido na cidade de Lisboa em 1755, o abalou profundamente, fazendo-o questionar sobre a existência de uma providência divina. Deus criou o universo, a natureza e os homens, entretanto, não interfere nos acontecimentos. O mal está no mundo, mas é possível superá-lo por meio do conhecimento e através do trabalho.

Para Voltaire esse não é o melhor dos mundos, como afirma Pangloss (Leibniz), porém, o mundo não é totalmente ruim. É necessário, pois, enfrentar os problemas reais e trabalhar para que o esse mundo possa melhorar gradualmente.

Outra questão menos explícita que está presente no *Cândido* é a crítica a Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Rousseau possuía um pensamento, em vários aspectos, oposto ao seu contemporâneo Voltaire. O Genebrino não via com otimismo o desenvolvimento da técnica e do progresso, posição polêmica em relação ao Iluminismo, fato que o caracterizava como um elemento destoante dentro deste movimento intelectual.

¹ Conforme o Dicionário Aurélio (1993), o teísmo é uma doutrina que admite um Deus pessoal, causa do mundo.

A relação entre Voltaire e Rousseau foi bastante conturbada. Em certa ocasião, Rousseau enviara a Voltaire um exemplar de seu polêmico *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, obra que critica os avanços da ciência e do progresso, que contesta o tipo de civilização construída pelos homens e que defende o retorno a uma condição natural. Neste livro Rousseau demonstra nostalgia do estado feliz em que teria vivido o bom selvagem. Tal posicionamento é rispidamente rebatido por Voltaire, um entusiasta do progresso. Em suas *Correspondências*, Voltaire responde a Rousseau da seguinte maneira:

Recebi, senhor, seu novo livro contra o gênero humano, Obrigado. O Senhor agradecerá aos homens, pois diz boas verdades, mas não os corrigirá. Não se poderia pintar com cores mais fortes os horrores da sociedade humana, da qual nossa ignorância e fraqueza esperam tanto consolo. Nunca se empregou tanta sutileza no sentido de nos bestializar; dá vontade de andar de quatro, quando acabamos de ler o seu livro (VOLTAIRE, 2011, p. 183-184).

Retornando ao *Cândido*, é possível identificar uma crítica voltairiana direcionada a Rousseau no questionamento à sua teoria do *bom selvagem*, isto é, a ideia de que o homem é originalmente bom e que é a sociedade que o corrompe. Cândido viaja para a o Novo Mundo (a América do Sul), sendo que tal lugar já se encontra corrompido, não havendo resquícios de uma “bondade natural”. Nesta terra selvagem, Cândido, Cacambo e alguns jesuítas são capturados pelos nativos chamados *Orelhões*, e estes decidem comê-los. Tal fato mostra a ausência de uma pureza original ou uma bondade natural dos nativos. Em meio a tal situação Cândido grita: “seremos com certeza assados ou cozidos. Ah! O que diria mestre Pangloss, se visse como a natureza pura é feita?” (VOLTAIRE, 1998, p. 70). O canibalismo dos *Orelhões* põe em cheque a “bondade natural” defendida por Rousseau.

Outra crítica presente no *Cândido* é direcionada ao cartesianismo. Renê Descartes (1596-1650), conforme Mondin (2009), é considerado o pai da filosofia moderna, pois se inicia com ele a grande importância dispensada ao método e ao valor do conhecimento, o que será a característica marcante da filosofia na modernidade. Descartes também é visto como um dos maiores expoentes da corrente racionalista na história da filosofia e, por conseguinte, crê que a razão seja a forma primordial para se chegar ao conhecimento verdadeiro.

A filosofia cartesiana é também conhecida pelo nome de inatismo, posicionamento que supervalorizava a razão em relação aos conhecimentos empíricos, colocando-a como medida de todas as coisas. Descartes afirma a existência de ideias inatas (oriundas da razão), que nascem com os indivíduos, são independentes da experiência e também são as únicas confiáveis. Para Descartes o conhecimento do mundo depende unicamente da razão.

Sendo, pois a razão única a fonte segura do conhecimento, não seria necessário ter experiências em terras estranhas por meio de viagens para se adquirir saberes. Em seu *Discurso do Método* Descartes chega a afirmar que “quando gastamos excessivo tempo em viajar, acabamos tornando-nos estrangeiros em nossa própria terra” (DESCARTES, 2004, p. 39). Em outra passagem continua Descartes:

“[...] após dedicar-me por alguns anos em estudar assim o livro do mundo, e em procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de estudar também a mim próprio e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha dos caminhos que iria seguir. Isso, a meu ver, trouxe-me muito melhor resultado do que se nunca tivesse me distanciado do meu país e de meus livros” (DESCARTES, 2004, p. 42)

Esse posicionamento cartesiano é diametralmente oposto ao ponto de vista gnosiológico Voltairiano. De acordo com Chauí (1981), Voltaire foi um apologista do empirismo inglês, especialmente da filosofia de John Locke (1632-1704). Locke desenvolveu a teoria da tábua rasa, segundo a qual a mente humana seria como uma folha em branco, que se preenchia apenas com a experiência, ou seja, a mente seria como uma cera passiva, desprovida de conteúdos, onde os dados da sensibilidade vão imprimindo ali as ideias que se podem conhecer. Desse modo, pensar será sempre pensar em algo recebido pelas sensações e impresso por estas em nossa mente.

Para Voltaire a filosofia de Descartes, apesar de possuir um método rigoroso e coerente, representaria apenas um rascunho, enquanto a de Isaac Newton (outro expoente britânico) seria uma obra-prima (VOLTAIRE, 1988).

Chauí (1981) ressalta que Cândido entra pelo mundo pelo meio de um caminho errado, o metafísico. Somente através do contato com outras culturas e pela vivência adquirida em suas peripécias é que Cândido de fato passa a conhecer as coisas do mundo. Suas viagens são imprescindíveis para confiar em si mesmo. As desventuras vividas não o mataram, mas serviram para mostrar como a vida é realmente. O tolo Cândido só deixou de ser ingênuo após viajar pelo mundo e viver experiências.

Um último ponto a ser abordado neste escrito é a defesa voltairiana dos ideais burgueses de seu tempo. É visível uma apologia ao trabalho e a defesa da propriedade privada. Conforme Chauí (1981), a trajetória do Cândido mostra que o trabalho é a condição para o reconhecimento pessoal. Sendo a propriedade o que legitima este reconhecimento, tornando-o mais efetivo. Os bens que são adquiridos por Cândido durante suas peripécias são quase totalmente perdidos, pois ele não os merece, são produto do acaso e não do trabalho.

Num determinado ponto da estória, Cândido, Pangloss e Martinho encontram um velho que cultivava a sua terra, produzindo sua própria riqueza através do trabalho. Este velho, após uma breve conversa, lhes dá um sábio conselho: “o trabalho afasta de nós três males: o tédio, o vício e a necessidade” (VOLTAIRE, 1998, p. 155-156). Após ouvir tal conselho, Cândido reflete e chega à conclusão de que esta é uma sábia resolução.

No final da trama, Cândido se encontra em sua uma propriedade chamada de jardim (adquirida como o que sobrou de sua fortuna). Este lugar abriga todos os seus companheiros de desventura. É possível constatar que o trabalho redime as personagens da narrativa. Todos os que sobrevivem à aventura são requisitados a exercer alguma atividade:

Toda a pequena sociedade acatou este louvável propósito e cada um passou a exercer seus talentos. A pequena terra que possuíam reagiu bem. Conegunda estava na verdade muito feia. Mas tornou-se uma excelente confeitaria. Paquette bordava. A velha cuidava da roupa. Nem mesmo o irmão Giroflée deixou de colaborar. Tornou-se um bom marceneiro, e até mesmo um homem honesto (VOLTAIRE, 1998, p. 157).

A vida no jardim mostra que se esse não é o melhor dos mundos, como afirmava o mestre Pangloss, ele também não é o pior. É necessário, pois, enfrentar os problemas para que o mundo, representado por esta propriedade, possa crescer e se desenvolver. As dificuldades existem, mas é possível superá-las por meio do conhecimento e através do trabalho.

No final da trama, Pangloss defende que os acontecimentos na verdade sempre estiveram encadeados da melhor maneira possível, tentando evidenciar que todas as desventuras desembocaram nessa vida de relativa harmonia na propriedade adquirida. Porém, Cândido, bruscamente interrompe seu mestre e amigo dizendo: “- Está bem dito, mas preciso cultivar nosso jardim” (VOLTAIRE, 1998, p.157).

Essa afirmação de que “é preciso cultivar o jardim”, denota que a melhor e mais digna forma de se viver (e talvez a mais suportável) e de se enfrentar as dificuldades da vida, dentro das possibilidades, seria trabalhar.

Merece ser ressaltado ainda o reencontro de Cândido com Conegunda. É possível afirmar que, em toda a trama, a paixão por sua amada representou para Cândido uma verdadeira força *motriz* de suas escolhas e ações. Quando finalmente ele reencontra Conegunda, esta já não possui nem a beleza nem os encantos de outrora. Porém, como um homem probo, que apesar de não possuir nobreza, Cândido não a rejeita e cumpre a promessa de viver junto a sua amada. Essa atitude pode ser compreendida como uma apologia do “bom burguês”, do homem honesto, que a despeito de não possuir origem nobre, tem integridade e honra.

As figurações presentes no Cândido demonstram que para Voltaire a literatura representava um excelente veículo de divulgação de suas ideias e para a defesa de seus pontos de vista. Por meio de seu genuíno talento literário se consagrou como um escritor versátil, criando obras em quase todos os estilos. Seus escritos o tornaram uma das figuras mais famosas e influentes do século XVIII.

Considerações finais

Através das histórias presentes no *Cândido*, Voltaire defende seus pontos de vista e combate ideias das quais não concorda. Temas presentes em seus escritos filosóficos como a valorização do empirismo britânico, a defesa da propriedade privada e o enaltecimento dos ideais burgueses aparecem no Cândido não de forma racional, mas através de metáforas e de exageros, que na maioria das vezes vêm permeados por sarcasmos e zombarias.

Estima-se que este estudo, uma pesquisa de iniciação científica, possa se caracterizar como uma forma de se conhecer e de se aprofundar nas ideias de autores clássicos da filosofia como Voltaire, o que poderá proporcionar a construção de novos saberes, o aprofundamento da capacidade de análise e interpretação de textos filosóficos e a promoção do pensamento crítico.

Ademais, avalia-se que o estudo em pauta possui consonância com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias (2006), no sentido de que os conteúdos da disciplina Filosofia devem contribuir para que

o estudante ascenda a uma competência discursivo-filosófica e desenvolva sua capacidade de análise, de interpretação e de crítica.

Referências

BRASIL, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Da Realidade Sem Mistérios ao Mistério do Mundo**: Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAUÍ, Marilena. Voltaire vida e obra. In VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico; O Filósofo Ignorante; Tratado de Metafísica; Cartas Inglesas**. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Abril Cultural, 2004 (Os Pensadores).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MILLET, Sérgio. In VOLTAIRE. **Contos**. Abril Cultural, 1972. (Coleção os Imortais da Literatura Universal vol. 40).

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. Volume 2. 11ª Ed. São Paulo: Paulus, 2009.

NASCIMENTO, Maria das Graças S. do. **Voltaire: a razão militante**. São Paulo: Moderna, 1993.

VOLTAIRE. **Cândido, ou o otimismo**. Porto Alegre, LP&M, 1998.

VOLTAIRE. **Correspondências**. São Paulo: Zahar, 2011.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico; O Filósofo Ignorante; Tratado de Metafísica; Cartas Inglesas**. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

Recebido em: 12/03/2024

Aprovado em: 30/03/2024